



CAMPO

NA

RUA

Ação do coletivo

Campo Experimental da Imagem

© CAMPO EXPERIMENTAL DA IMAGEM

© NAU Editora

www.naueditora.com.br
contato@naueditora.com.br

Produção editorial eBOOK

Simone Rodrigues

Assistente de produção editorial

Glauco Adorno

Projeto gráfico, capa e editoração

Melanie Guerra

Revisão de textos

Daniel Turela Rodrigues

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anízio Gomes - CRB-8 8846

C694c Coletivo Campo Experimental da Imagem (org.).

Campo na rua: ação do Coletivo Campo Experimental da Imagem / Organização: Coletivo Campo Experimental da Imagem. - 1. ed. - Rio de Janeiro : NAU Editora, 2021.

26 p.; il.; fotografias.
E-Book: 13,5 Mb; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87079-59-2.

1. Arte Contemporânea. 2. Artes Visuais. 3. Coletivo Campo Experimental da Imagem. 4. Intervenção Urbana I. Título.
II. Assunto. III. Organizador.

CDD 700:303.485

CDU 7:616-036.21

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Artes; Catástrofes (terremotos, epidemias, pandemias, guerras).

2. Arte; Pandemias.

CAMPO NA RUA: AÇÃO DO COLETIVO CAMPO EXPERIMENTAL DA IMAGEM

COLETIVO CAMPO EXPERIMENTAL DA IMAGEM (org.). Campo na rua: ação do Coletivo Campo Experimental da Imagem.
1. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021. E-Book (PDF; 13,5 Mb). ISBN 978-65-87079-59-2.

1ª edição - 2021

Coordenação Ação #Campo na Rua
Tony Queiroga

Artistas do CAMPO EXPERIMENTAL DA IMAGEM

Aline Beatriz

Gabriel Caires

Bianca Araújo

Davi Bernard

Mariana Vidal

Tony Queiroga

Artistas convidados

Alexandre Vogler

Marcos Bonisson

Patrícia Teles

Simone Rodrigues

Agradecimento:

Andre Colmenero,
Digital Manager, Clear Channel

NAU
E D I T O R A

CAMPO

2021

eBook como eco do GRITO

Simone Rodrigues

Na agenda do mundo melhor, tão diferente deste que habitamos, a arte na rua, democrática, para todos, é prioridade máxima dos governos. A poesia nossa de cada dia, sem teto nem beira, habita todos os espaços, das redes subterrâneas dos dejetos coletivos em convergência às antenas difusoras das ondas eletromagnéticas que vibram nossas células pelos ares. A energia criativa jorra de graça da infinita fonte cósmica, iluminando e colorindo as derivas dos corpos que escorrem seus gozos sobre a terra.

Enquanto esse mundo não vem, poder andar pela cidade e ver arte ocupando o espaço da publicidade banal é algo que nos faz esperar. No lugar da ladainha do “ME COMPRE”, “SE VENDA”, de repente, somos surpreendidos por afetos simples que nos devolvem a consciência de sermos seres vivos sensíveis, de passagem, a caminho de outros mundos...

Quando recebi o convite do Campo Experimental da Imagem para participar da ação *#Campo na Rua*, como artista, muito me entusiasmou a possibilidade de sair da bolha e falar a “toda a gente”. Foi como poder soltar a voz num grito que normalmente fica preso no gargalo da garrafa da mensagem. Como editora, retribuí o convite que, aceito, igualmente me alegra ao permitir reverberar o impacto da ação e cruzar com outros olhares nas paralelas virtuais deste eBook-catálogo.

Campo na Rua

Thiago Spíndola Motta Fernandes

“O conceito de experiência traz em si duas palavras: Ex, de origem romana, que quer dizer fora, e Peros, proveniente do grego, que quer dizer local, espaço. Experiência é se colocar fora do local de onde se está.”

Ericson Pires – *Cidade Ocupada*¹

Experimentar é assumir riscos, produzir diferenças, transgredir fronteiras. Mas como experimentar em um contexto de isolamento social e de tantas privações? Esse é um dos desafios impostos pela pandemia de covid-19 aos meios da arte. Desde que as telas se tornaram nosso principal meio de interação humana e de contato com a arte, as proposições artísticas, virtuais ou não, tiveram de buscar maneiras de contornar as limitações impostas pelo isolamento e pelos suportes disponíveis, para não cair em repetições, ou na mera transposição de trabalhos físicos para mídias digitais. O ano de 2021 tem se apresentado ainda mais difícil, diante da exaustão das telas, das reuniões remotas, das exposições virtuais e das inúmeras *lives* em diferentes plataformas. Eis que surge a ação *#Campo na Rua*, realizada pelo projeto de extensão/pesquisa Campo Experimental da Imagem (Instituto de Artes – Uerj), propondo outros modos de inserção da arte no contexto pandêmico e uma maneira diferente de se apropriar das telas – desta vez não de *smartphones*, computadores ou TVs, mas dos relógios digitais encontrados em espaços públicos.

Tal como os *stories* do Instagram e de outras mídias sociais, as imagens produzidas pelos participantes da ação têm curta duração – apenas 10 segundos

1

PIRES, Ericson. *Cidade ocupada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007, p. 57.

– e dividem espaço com propagandas e notícias que aparecem normalmente nos *displays*. Diversos riscos são assumidos: alguns trabalhos podem ser confundidos com peças de publicidade; outros podem simplesmente passar despercebidos em função da pressa e da velocidade dos corpos que atravessam os espaços da cidade; alguns, ainda, podem ser vistos, mas a dimensão reflexiva de seu conteúdo somada à rapidez de sua aparição pode fazer com que o espectador não consiga apreendê-lo efetivamente. As relações estabelecidas podem ser tão frias e fugazes como aquelas que temos com os *stories*. Todos esses perigos reforçam que estamos diante do experimental: aquilo que não pode ser premeditado, nem sequer categorizado.

O risco aqui não tem qualquer conotação negativa. A possibilidade de indiferença, bem como a indiscernibilidade entre arte e publicidade, é o que faz o trabalho acontecer. *#Campo na Rua* recusa tanto a neutralidade e legitimidade do espaço de arte como o enquadramento oferecido por alguns espaços virtuais que hoje parecem tão institucionalizados quanto as galerias e museus. Assumir o experimental é um modo de produção de dissensos, afirmação de outras possíveis existências para a arte. É propor práticas dissonantes, que nos conduzem a situações de indefinição e trânsito. É atuar contra a homogeneização das sensibilidades, dos usos dos espaços e das mídias, apostando nos contrausos.

O relógio, marcador do tempo, instrumento de ordenação dos corpos de acordo com o ritmo estabelecido pela cidade contemporânea, cede lugar a imagens mobilizadoras de outras experiências corporais, outras vivências no espaço urbano, à medida que os passantes se deixam atravessar pelos trabalhos. O dispositivo de orientação dá margem à desorientação. Na mesma medida, é rompida a lógica publicitária e privatizante desse mobiliário urbano, quando a sequência de propagandas é interrompida por imagens e mensagens de interesse coletivo, de viés poético, ou explicitadoras de conflitos e diferenças.

#Campo na Rua propõe uma saída do mundo virtual, mas sem abrir mão do potencial da tela. Aí está sua singularidade em meio a tantas proposições artísticas que não conseguem transgredir as funções já atribuídas aos meios de comunicação. A ação não apenas produz ruídos nos *displays* de relógios públicos como é afetada pelas complexidades da rua, onde a arte se dilui nos acontecimentos mais triviais. Identificamos aí os princípios da mídia táctica: o uso crítico das mídias para fins não comerciais, subversivos, causando desvios e interferências em sua programação. O Brasil tem um extenso repertório de ações de mídia táctica: desde as interferências em jornais por artistas como Paulo Bruscky e Antonio Manuel durante a ditadura militar, os cartazes lambe-lambe de grupos como Atrocidades Maravilhosas, no início dos anos 2000, e Tupinambá Lambido, mais recentemente, até apropriações de transmissões televisivas, a exemplo do Frente 3 de Fevereiro, entre outros. A ação do Campo Experimental da Imagem, no entanto, revela sintonia com os tempos atuais por meio de suas imagens velozes e efêmeras. Também é notável a utilização de uma mídia ainda pouco explorada pelas artes visuais, o que traz novidades em relação ao valor de exposição, às possibilidades de circulação e à renovação da linguagem: encontramos resquícios da lógica do vídeo, do cartaz, do meme, hibridizados numa mesma imagem, ou aparentes em maior ou menor grau em diferentes trabalhos que compõem a ação.

Em alguns predomina a dimensão poética. Em outros, o caráter objetivo. Imagem e palavra aparecem ora somadas, ora isoladas. A diversidade dos trabalhos culmina em uma ação pouco homogênea, que dá relevo às inclinações individuais de quem participa. Cada integrante revela uma forma distinta de ocupar a rua e de falar com a rua, aproveitando os 10 segundos que lhe são oferecidos. O que os une é a vontade de produzir possibilidades de aparição no espaço público, rompendo as bolhas do meio de arte, das mídias sociais e, principalmente, das próprias casas, que se tornaram verdadeiros microcosmos privados durante o período de isolamento social.



0

**Projeto Campo
Experimental
da Imagem
e a ação**

#Campo na Rua

Tony Queiroga

CAMPO EXPERIMENTAL DA IMAGEM é um coletivo artístico ligado ao Instituto de Artes da UERJ. O grupo é formado por alunas e alunos, coordenados por mim, embora conte também com participantes externos. Temos como objetivo principal pensar, propor e criar trabalhos artísticos, de análise e críticos a partir do imenso agenciamento das imagens técnicas na nossa cultura e sociedade. Além de produzir, nosso foco é propor novos modos de circulação. Assim, uma vocação natural do CAMPO é estar nas ruas, longe dos espaços institucionais do Sistema da Arte, onde podemos atingir públicos novos e mais diversos.

#Campo na Rua é um projeto que traz esse DNA na sua origem. Desde o início da crise da COVID19, procuramos realizar ações externas, aproveitando as circunstâncias desses tempos isolados. Buscando apoios e parcerias, nossas propostas encontraram eco na Clear Channel – uma das maiores empresas de mídia exterior do mundo –, que nos ofereceu toda sua rede de relógios digitais na cidade do Rio de Janeiro, durante uma semana – período tradicional das campanhas publicitárias de mídia OOH.

A partir daí, o desafio passou a ser pensar a ocupação dos relógios, no espaço público da rua, em uma tela vertical, com um vídeo de dez segundos. A Clear Channel não limitou o número de trabalhos na ação.

O primeiro impulso do CAMPO foi adaptar obras dos artistas participantes, fossem fotografias, vídeos ou mesmo audiovisuais de maior fôlego, para esse formato. Logo percebemos que, apesar desse caminho parecer natural, as especificidades do formato e do espaço-tempo oferecido solicitavam outras respostas. Essa percepção ficou ainda mais forte quando fizemos alguns testes na rua. Ficou evidente que a simples adaptação de obras, embora pudesse funcionar, não aproveitava toda a potencialidade do evento. Pareceu claro que “exibir” uma obra na rua geralmente resultava em experiência aquém daquela de criar algo específico para a oportunidade, incluindo a dimensão comunicativa de falar artisticamente para uma ampla audiência.

Partimos, então, para a criação de obras originais, inclusive em termos formais. Nesse movimento, uma inspiração foi o histórico projeto *Messages to the Public* (1982-90), do Public Art Fund (NY), com trabalhos exemplares de Jeny Holzer e das Guerrilla Girls, além de toda a obra de Barbara Kruger. O texto, pensado também como imagem, passou a ser um elemento fundamental, ao lado de fotografias e vídeos.

Resulta daí uma série de trabalhos que, na sua maioria, entendemos como obras institucionais do CAMPO como coletivo - e não realizações particulares, pessoais -, tematizando assuntos sociais e políticos atuais e urgentes, como as questões de gênero, da diversidade e dos povos indígenas.

Em algum momento do processo, pensamos que seria importante dividir esse acesso à mídia com outras pessoas. Interlocuções estão entre as estratégias que o grupo privilegia. Assim, convidamos artistas que compartilham, de algum modo, a necessidade de estar nas ruas.

O resultado foi um conjunto de 32 obras, de diversas naturezas, propostas, gêneses e formas, mas que têm em comum o sentimento de urgência, nesse momento tão conturbado para o mundo, em especial para nós, brasileiros, de encontrar um público, de dizer alguma coisa; de expressar o que precisa ser dito.

O *#Campo na Rua* esteve “no ar” durante a semana de 14 a 20 de junho de 2021, na rede de cerca de 100 relógios urbanos da Clear Channel, cobrindo boa parte da cidade do Rio de Janeiro. Uma intervenção de arte pública que no conjunto dos trabalhos totalizou cerca de 28 horas de exibição.

Tony Queiroga

Professor do Instituto de Artes da UERJ (ART-UERJ) e coordenador do CAMPO EXPERIMENTAL DA IMAGEM

Obras coletivas no **#Campo na Rua**



**“Toda
grande
caminhada**

**“Toda
grande
caminhada
começa
com um
simples
passo.”**

**“Toda
grande
caminhada
começa
com um
simples
passo.”**

Buda

**BOA
SEMANA!**

**Viva o
povo
brasileiro!**

**Viva o
povo
indígena!**

**Viva o
povo
indígena
brasileiro!**





f a ç a
A m o n
N ã o
F A Ç A
G U E R R A

ater-me

ITALO CALVINO

**ater-me
àquilo**

ITALO CALVINO

**ater-me
àquilo
que vejo**

ITALO CALVINO

**ater-me
àquilo
que vejo**

ITALO CALVINO

**tínhamos
de sair do
nosso
estado
sonolento
o mais
depressa
possível**

ORHAN PAMUK

UERJ:

UERJ:

**entre as dez
melhores
universidades
do Brasil**

UERJ:

**Pública
Inclusiva
Plural**



**penso,
logo
existo!**

**existo,
logo
posto!**

**posto,
logo
penso?**

**posto,
logo
penso?**

**posto,
logo
penso?**

**CAMPO
EXPERIMENTAL
DA IMAGEM**

ART UERJ

instagram
@campoexperimentaldaimagem





Artistas

Convidados do

#Campo na Rua

ALEXANDRE VOGLER

SALVE COSME DAMIÃO DOUM

Filme destinado a equipamentos de mídia externa (relógios de rua). Poema visual animado que reproduz saudação aos santos da igreja católica Cosme e Damião, bem como da entidade de umbanda Doum – todos representados como crianças. Muito populares no Rio de Janeiro, por vezes são representados conjuntamente, em uma mesma iconografia, resultado das práticas sincréticas de sua população. A animação replica essa congruência e reforça a equiparação das formas religiosas e de culto.

Alexandre Vogler

(Rio de Janeiro, 1973)

Artista Plástico, Doutor em Linguagens Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes – UFRJ. Professor do Instituto de Artes da UERJ. Desenvolve desde 2000 trabalhos em contexto público e sistemas de comunicação, in-

dividualmente ou em coletivos. Exibiu trabalhos na X Bienal de Havana, Portikus Frankfurt, MHKA Antuérpia, X Bienal do Mercosul e Panorama da Arte Brasileira (em Atrocidade Maravilhosas, 2001). www.alexandrevogler.com.br



ALINE BEATRIZ + GABRIEL CAIRES

1 MINUTO DE SILÊNCIO

A proposta nasceu do entendimento de que o trabalho permeia os espaços urbanos e trava contato direto com o público, ocupando um espaço que usualmente é da publicidade. Usando do mesmo artifício que esta, *1 Minuto de Silêncio* questiona o contraponto silêncio X ação. O que devemos fazer quando o número de mortes extrapola nossos limites de silêncio? Para uma realidade trágica negligenciada pelo governo, o silêncio se prova uma artimanha ineficaz. Infiltrando-nos na camada do cotidiano, clamamos para uma urgência, usando a ferramenta do relógio como a de um despertador.

Aline Beatriz

(Rio de Janeiro, 1995)

Nasci em 1995 no Rio de Janeiro e sou bacharel em História da Arte pela UERJ. Comecei na fotografia como autodidata, fazendo autorretratos no início da adolescência, e desde então venho me especializando na produção de séries autorais e

em bifurcações com outros corpos. Minha pesquisa parte de questões relativas às estruturas e limites do corpo, à fabulação e à construção de identidade enquanto diálogo com a técnica e o suporte fotográfico.

<https://alinebeatriz.46graus.com/>

Gabriel Caires

(Rio de Janeiro, 1997)

Gabriel Caires, filho de pais maranhenses, estudante da UERJ, bacharel em Artes Visuais, cineasta. Leitor assíduo de Fausto, minhas influências vêm do ato de existir diário. Acumulo histórias em fazeres coti-

dianos, entendendo a necessidade de uma produção artística em comunidade e com total consciência de produção e visibilidade para os verdadeiros detentores das narrativas pessoais e compartilhadas.

461.931

2.387

1

1 MINUTO
DE
SILÊNCIO.

SILÊNCIO?

BIANCA ARAÚJO

ARTE

O trabalho proposto para a ação *#Campo na Rua* associa a fotografia como potência discursiva e especulativa. Flertando com a obra de Mallarmé, *Um lance de dados*, procuro destacar a relação poética, subjetiva e experimental da arte. Diante de escolhas complexas, a sensação é de estarmos constantemente à beira de um precipício. Em contrapartida, o dado sugere o lúdico, o inconsciente e o caráter intuitivo da arte. A imagem se concentra no momento anterior ao ato que será ativado pelo observador, capaz de visualizar e desvendar os elementos visuais ali expostos, vulneráveis e lançados ao risco do olhar.

Bianca Araújo

(Rio Bonito, RJ, 1995)

Artista atualmente graduanda em Artes pela UFF. Investiga a relação artevida, tensionando os limites desse contato e a produção de subjetividades no contexto contemporâneo. A partir da visualidade, articula diferentes materiais e meios para desenvolver sua pesquisa poética e expe-

rimental envolvendo situações-problemas do cotidiano pelos quais atravessa ou é atravessada. Associada à produção artística, também se interessa em pensar a atuação do artista como educador e propositor de situações indagadoras.

<https://cargocollective.com/iabnca>



DAVI BERNARD

TER NO QUENTE

Endogênese e exogênese, imanência e transcendência não são conceitos que, no rastilho de pólvora semântica, sejam contraditórios. O mundo de seres e coisas que habita no nosso cotidiano parte de nós para se criar num mundo ativa e passivamente, contando ou não conosco. O objetivo desse trabalho é capturar nas rachaduras das linhas cotidianas a força que brota do chão, a imagem que emerge nas escarpas da nossa consciência. Imagens que nos sorvem e pelo artista é servida.

David Bernard

(Rio de Janeiro, 1990)

Formado em montagem e edição pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro, trabalha como editor e como operador de câmera. Já atuou em diferentes campos e plataformas: ficção, documentário, publicidade. Atualmente, cursa artes visuais na UERJ e desde 2014 se dedica à vídeoarte,

filmando e editando vídeos autorais, tendo realizado projetos selecionados pelo FIVA-Festival Internacional de Vídeoarte e pelo Olha Geral (2020) – mostra anual dos discentes do Instituto de Artes da UERJ.

Instagram: @davibernard07



MARCOS BONISSON

KOMBI EM CHAMAS

Kombi em Chamas é um fragmento fílmico, assim como os demais trabalhos apresentados na ação Campo na Rua: *Mergulho / Louva-deus / Resistência / Baleia*. Ao todo, cinco *Anarquivos* ativados em imagem em movimento. Um *meta-cinema* em ação direta com outros artistas em campo experimental da imagem nas ruas do Rio.

Marcos Bonisson

(Rio de Janeiro, 1958)

Artista, Professor da EAV-Parque Lage e Doutorando em Estudos Contemporâneos das Artes (UFF). Nasceu e trabalha na cidade do Rio de Janeiro. Participou de seis edições de Bienais Internacionais: 27ª Bienal Internacional de São Paulo (2006), XIX Bienal Internacional de Arte de Cerveira, Portugal (2017). II BIENALSUR (2019), XXI Bienal

de Arte de Cerveira, Portugal (2020). 19th Art Media Biennale WRO, Polônia (2021) e da III BIENALSUR (2021). Seus filmes experimentais participaram em 90 diferentes festivais internacionais. Publicou os livros, *Arpoador* (NAU Editora, 2011), *Pulsar* (Editora Binóculo, 2013) e *ZigZag* (Editora Bazar do Tempo, 2017). www.marcosbonisson.com/



MARIANA VIDAL

TUDO É POLÍTICO

Este trabalho foi pensado especificamente para a ação Campo na Rua. Ocupando diversos pontos da cidade do Rio de Janeiro, em locais com grande circulação de pessoas, pensei que não poderia perder a oportunidade de apresentar algo que não fosse claramente político, sobretudo devido ao que temos vivido nos tempos atuais em nosso país. Além disso, era de extrema importância para mim que fosse uma mensagem de rápida absorção e entendimento. Assim surgiram esses trabalhos, partindo principalmente de frases de lutas e manifestações.

Mariana Vidal

(Rio de Janeiro, 1994)

Arte educadora, licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2019). Tem experiência em arte-educação em museus e centros culturais no Rio de Janeiro, como Casa França-Brasil e Paço Impe-

rial. Atualmente cursa o bacharelado em Artes Visuais (UERJ). É vinculada, também, aos grupos de pesquisa e extensão "Campo Experimental da Imagem" e "MACP-Mapeando Arte e Cultura Visual Periférica".

**Tudo é
político**

**Tudo é
político
quando
você é**

**Tudo é
político
quando
você é
mulher**

**Tudo é
político
quando
você é
indígena**

**Tudo é
político
quando
você é
negro**

**Tudo é
político
quando
você é
trans**

**Tudo é
político
quando
você é
gay**

**Tudo é
político**

PATRÍCIA TELES

NEONEOCONCRETA 5

Neoneoconcreta é uma série de GIFs que explora a abstração geométrica por meio da dança, figuras abstratas que são moldadas pelo movimento fortuito do corpo. O trabalho surge da performance para a câmera, do diálogo entre corpo, espaço e aparato técnico. Danças randômicas ajustadas ao tempo de processamento da máquina. O som do abrir e fechar do obturador media a duração do gesto, a dinâmica entre o tempo dilatado e a fluidez dos movimentos.

Patrícia Teles

(Rio de Janeiro, 1986)

Artista-pesquisadora, trabalha com vídeo, performances, instalações e autorretratos. Cursou Direção Teatral na UFRJ, realizou o mestrado na Universidad Nacional de las Artes, na Argentina, e o doutorado em Arte e Tecnologia na Universidade de Brasília.

Em 2021 foi indicada ao prêmio PIPA. Em 2019 participou do II Prêmio Vera Brant (Brasília-DF) e cruzou a América do Sul por terra, do Atlântico ao Pacífico, para integrar a exposição SACO 8 - Destino em Antofagasta no Chile. www.premiopipa.com/patricia-teles



NEONEOCONCRETA PATRÍCIA TELES

SIMONE RODRIGUES

FAKE NEWS MATA

De todos os males saídos da caixa de pandora da (chamada) civilização humana, os mais ameaçadores à vida do planeta Terra e dos que nela habitam estão intimamente ligados à incapacidade de aprender com a própria história. Negam-se fatos como o Holocausto, o conhecimento científico e a verdade, sempre plurais e complexos. Em seu lugar, fazem circular mentiras, absurdos obscurantistas, paranoias e preconceitos transformados em teorias da conspiração. Aniquilando a ética, a integridade e a justiça das suas práticas políticas, demonstram a captura do Estado por grupos criminosos e forças sociais delinquentes, atreladas ao capitalismo-genocida que, no Brasil, vem se apresentando sob disfarces fundamentalistas-cristãos. A possibilidade de falar ao público das ruas em pleno isolamento social imposto pela pandemia saiu assim, como um grito de alerta.

Simone Rodrigues

(Muriaé, MG, 1967)

Artista visual, educadora, editora e pesquisadora independente, com formação em fotografia e História da Cultura. Trabalha há mais de 20 anos com organização de cursos, livros e exposições de arte e fotografia. Foi cofundadora do Foto in Cena e do Ateliê da Imagem. Atualmente é professora na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Pesquisa a fotografia como linguagem, na convergência entre arte, documento e sua

hibridação com outros meios, como a performance, o objeto, o vídeo e a instalação. Interessa-se particularmente pelas questões de identidade, gênero, corpo, memória e seus aspectos sociais e políticos. É autora do projeto *Nomes do Amor*, uma série de retratos de famílias LGBTQIA+.

www.simonerodrigues.com.br

www.nomesdoamor.com

HISTÓRIA



VIDA



VIDA



HISTÓRIA



FAKE NEWS MATA

FAKE NEWS MATA

TONY QUEIROGA

GLITCHING GABY

O trabalho *Glitching Gaby* discute a condição do retrato na construção das subjetividades hoje. Da mesma forma que em “Glitching Ingrid”, aqui eu desconstruo e reconstruo retratos, com o uso de erros digitais, para realçar a importância e a fluidez dessas imagens na formação do “eu” contemporâneo. Em “Rostos” faço uma busca por expressões faciais perdidas dentro de fotografias de rua – retratos extraídos de paisagens urbanas. As demais obras apresentadas em *#Campo na Rua* são pequenos clipes de um documentário experimental sobre a arquitetura da UERJ, “Concreto e Bruto”. Nessa série, saem os indivíduos, entram os espaços.

Tony Queiroga

(Rio de Janeiro, 1961)

Professor do Instituto de Artes da UERJ, fotógrafo, diretor e artista visual. Doutor em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal), trabalha na área das imagens técnicas, pesquisando o amplo campo entre a fotografia e a imagem em movimento – cinema e vídeo digitais. Criou e coordena o coletivo ar-

tístico Campo Experimental da Imagem, na UERJ. Entre outras realizações e participações, recebeu o prêmio especial do júri no 8th. Fotoptica International Video Festival (1990), e foi segundo colocado no 1º. Festival do Minuto (1991).

www.milimagens.com.br



